

LISBON REVISITED

D I A S D E P O E S I A

24, 25 E 26 DE JUNHO DE 2022

POEMAS DE

Ana Martins Marques

Felipe Benítez Reyes

Hirondina Joshua

João Paulo Esteves da Silva

Manuel Rivas

Maria do Rosário Pedreira

Miguel Cardoso

Tatiana Faia



Casa
Fernando
Pessoa

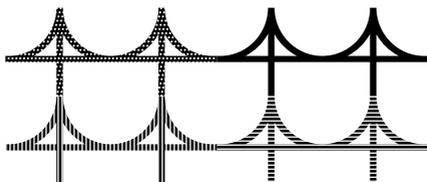
LISBON REVISITED

Poemas lidos na Casa Fernando Pessoa
nos dias 24, 25 e 26 de junho de 2022
durante a quarta edição de
Lisbon Revisited — Dias de Poesia.

LISBON REVISITED

D I A S D E P O E S I A

LISBOA, 24, 25 E 26 DE JUNHO DE 2022



Casa
Fernando
Pessoa

Lisbon Revisited — Dias de Poesia
é uma organização da Casa Fernando Pessoa.
Apoio à divulgação: Antena 1 e Antena 2
Apoio à produção: Instituto Cervantes de Lisboa

TÍTULO

Lisbon Revisited — Dias de Poesia

AUTORES

Ana Martins Marques, Felipe Benítez Reyes,
Hirondina Joshua, João Paulo Esteves da Silva,
Manuel Rivas, Maria do Rosário Pedreira,
Miguel Cardoso, Tatiana Faia

TRADUÇÕES

Vasco Gato
(poemas de Felipe Benítez Reyes e Manuel Rivas)

ORGANIZAÇÃO

Casa Fernando Pessoa / EGEC

© dos autores

© do tradutor

GRAFISMO

Pedro Serpa
(a partir de desenho do atelier-do-ver)

ÍNDICE

Fotografia de Grupo, <i>Clara Riso</i>	7
Ana Martins Marques	9
Felipe Benítez Reyes	15
Hirondina Joshua	21
João Paulo Esteves da Silva	25
Manuel Rivas	29
Maria do Rosário Pedreira	35
Miguel Cardoso	39
Tatiana Faia	43
Notas biográficas	48

FOTOGRAFIA DE GRUPO

Lisbon Revisited — Dias de Poesia é o encontro internacional de poesia que a Casa Fernando Pessoa organiza desde 2018. É um programa de três dias, de escala breve, que junta poetas de diferentes lugares para leituras e conversas com o público.

São oito poetas com percursos na escrita bastante distintos. Este ano participam no programa os escritores espanhóis Felipe Benítez Reyes e Manuel Rivas, a brasileira Ana Martins Marques, a moçambicana Hirondina Joshua e os portugueses João Paulo Esteves da Silva, Maria do Rosário Pedreira, Miguel Cardoso e Tatiana Faia.

Dos vários poemas que os autores trouxeram para ler em Lisboa nesta ocasião, escolhemos um poema de cada poeta e juntámo-los nesta brochura. Este pequeno livro é assim uma espécie de fotografia de grupo, que fixa o momento deste encontro e deixa em aberto leituras futuras.

Clara Riso
Diretora da Casa Fernando Pessoa

Ana Martins Marques

POEMA DE

Risque esta palavra, Companhia das Letras, São Paulo, 2021.

UM CAFÉ COM A MEDUSA

*Ou será então que você acredita, teria
ela, escreve Beyle, ainda acrescentado,
que Petrarca foi infeliz só porque nunca
pôde tomar um café?*

W. G. Sebald, *Vertigem*

Tudo o que com os olhos toco
ela diz
transformo em pedra

mas tudo é já
desde sempre pedra
pó futuro

seus pais eram filhos do mar e da terra
cetáceos de um mundo arcaico
informe ainda
mas ela é mortal
destinada, como nós, ao pó

Ovídio diz ter sido *justo e merecido*
o castigo que lhe impingiu Atenas
transformando seus cabelos em serpentes
porque ela se deitara com Poseidon

são desde sempre as mulheres, ela diz,
condenadas pelo que fazem no leito

desde sempre amputadas
de suas terríveis cabeças

mas hoje estamos velhas
ela e eu
cansadas de refletir o tempo
como um escudo

só queremos tomar nosso café

cada serpente que lhe adorna a cabeça
fala em uma língua
e a traduz

mas na realidade
falamos pouco
enquanto olhamos o porto
e ela ajeita as asas
na cadeira

cúmplices
ela e eu
(embora eu evite
confesso
olhá-la nos olhos)
tomamos nosso café quase
em silêncio

ela diz que agora sonha apenas com o mar
que seus cabelos são algas e não serpentes
e que dançam lentamente no fundo de um oceano
cheio de monstros, como são os oceanos,
lagostas enormes e águas-vivas
e outras incongruências marinhas
corais e conchas que são

como estojos
e baleias que vivem até duzentos anos
o que para ela é nada, alguns segundos
como de fato é

e rimos as duas
que duas velhas sonhem ainda
e sempre o sexo

é talvez o que há no desejo de mais cruel
quando nele há tanto de cruel:
que ele dure, continue
e às vezes seja só desejo
do desejo
e seja móvel e mesmo
como o mar

aos que não têm mais pátria
seja porque se exilaram
seja porque o país se exilou de nós
e toma a forma dos nossos pesadelos
seja porque na realidade não há países
mas extensões variáveis de terra
que as nuvens sem passaporte
atravessam
resta só a memória do mar
ela diz
batendo inutilmente

o mar e o café
ela diz
e, a cada qual,
suas serpentes

Felipe Benítez Reyes

POEMA DE

Un mentido color, Visor, Madrid, 2021.

TRADUÇÃO DE VASCO GATO

PARA LISBON REVISITED — DIAS DE POESIA

LA TEMPESTAD

Esas olas que de repente rompen en la orilla
con algo de lamento y de rugido,
trenzando sus espumas violentas
igual que quien dibuja su amargura.

Olas que parecen hablar a gritos
de naufragios y abordajes,
de lugares helados, con mortaja de nieve,
y de travesías truncadas por aguas sin gobierno
en frágiles naos de rumbo indefinido,
en siglos de incertidumbre y aventura,
en páginas de Homero y Joseph Conrad.

Invade hoy la mar la tierra firme
como un argumento de autoridad y desconsuelo,
vestida con la oscuridad de un sueño abrupto,
liberada de azul y de confines para ser
la mar por unas horas que se azota a sí misma,
el laberinto caótico que las aguas esconden
en su fondo callado,
a modo de conciencia lastimada.

En este estruendo de poder
retumban mil batallas del pasado,
mil crujidos de jarcias y de mástiles,
el dulce lamentar de mil sirenas.

Teatro de soberbia y sinsentido,
la mala mar.

A TEMPESTADE

Aquelas ondas que rebentam subitamente à beira-mar
com um quê de lamento e de rugido,
entrançando as suas espumas violentas
como quem desenha a sua amargura.

Ondas que parecem falar aos gritos
de naufrágios e abordagens,
de lugares gelados, com mortalha de neve,
e de travessias interrompidas por águas sem governo
em frágeis naus de destino indefinido,
em séculos de incerteza e aventura,
em páginas de Homero e Joseph Conrad.

Invade hoje o mar a terra firme
como um argumento de autoridade e desconsolo,
vestido com o escuro de um sono abrupto,
liberto de azul e de limites para ser
o mar que por umas horas se fustiga a si mesmo,
o labirinto caótico que as águas escondem
no seu fundo calado,
em jeito de consciência magoada.

Neste estrondo de poder
retumbam mil batalhas do passado,
mil rangidos de enxárcias e de mastros,
o doce lamentar de mil sereias.

Teatro de soberba e absurdo,
o mar revolto.

Teatro de telones desgarrados
por un garfio de plata.

La mar que va gritando su discurso de duelo.

La dueña de un imperio en su ceguera.

Sus olas del color de la ceniza.

Su forma de sufrir junto a nosotros.

Teatro de panos rasgados
por um gancho de prata.

O mar que vai gritando o seu discurso de pesar.

O senhor de um império na sua cegueira.

As suas ondas da cor da cinza.

A sua forma de sofrer junto de nós.

Hirondina Joshua

POEMA DE

Córtex, Editora Exclamação, Porto, 2022.

não quero que se confusioem as coisas confusas
chamar é um acto fulminante
o nome das crianças está acordado na parte oblíqua da letra
o segredo é inclinar o corpo ensinar as paredes o cedro as criações
[abertas do átomo

João Paulo Esteves da Silva

INÉDITO

AMARÁS A REPETIÇÃO

Nestes últimos tempos, acordo cedo,
já desisti de ficar a revirar-me na cama, levanto-me.
São seis e meia da manhã; sento-me na cozinha
com um prato de cerejas, mastigo a olhar para o quintal.

As quatro cadeiras de madeira velha, em ligeira desordem,
parecem estar ocupadas, mas não há ninguém, nem vento.
Dantes, cuspia estes caroços do alto de um quinto andar
tentando acertar nos tejadilhos dos automóveis que passavam.

Pouso os caroços no prato, imagino o som do choque na chapa
e olho lá para fora, para a cena de luz coada que muda lentamente.
Entra um pardal, estrebucha, saltita, faz uma vénia e sai pela direita.
Há mais pardais, ao fundo, na sombra, ou seria o melro?

Vejo os pequenos milagres: o damasqueiro, condenado pela ciência,
há mais de dez anos que vive além da morte com folhas e frutos;
e a magnólia teria trocado, já, todas as flores por folhas, mas não;
uma flor solitária, estranha, persiste e resiste, meio aberta.

Tudo isto fala, tudo isto tem um sentido oculto, ah pois tem;
mas não quero saber qual é, ao certo, aliás,
acredito que seja bastante incerto.
As nuvens movem-se, desviam-se, cresce muito a luz.

Aparece o ar, radioso, cheio de pó, teias e insectos.
O frigorífico deixou de ronronar e reparo que existiu
porque só agora ouço, mezza voce, os chilreios da passarada.
Respiro fundo; shabat shalom, e seja a manhã louvada!

22/06/2019

Manuel Rivas

POEMA DE

O que fica fóra, Apiário, Coruña, 2021.

TRADUÇÃO DE VASCO GATO

PARA LISBON REVISITED — DIAS DE POESIA

A HORA DE DURMIR FÓRA

Non, eu non quería morrer.
É certo o que di a lousa.
Eu non quería morrer.
Nunca me interesou esa experiencia do Alén,
nin sequera as maceiras de Avalon.
Preferíbel unha excursión a Valença do Minho,
ida e volta no día,
co agasallo dun xogo de coitelos.
Eu era feliz oíndo o asubío inmortal do afiador.
E era feliz abrindo a caixa de correos
cada mañá.
Ninguén manda cartas,
pero algo sempre hai.
Esa alegría da publicidade barata.
O Lidl anuncia unha cinta métrica
con telémetro láser.
O feliz que eu era sabendo as medidas de ríos e montañas.
Moito me axudou iso a vender enciclopedias.
Canto mide o ecuador da Terra?
Os pais miraban o fillo e naquel estupor familiar
de non saber
eu percibía a esperanza.
Eu era feliz cos 40.075 quilómetros do perímetro terrestre,
os 8.849 metros de altura do Everest
e os 6.650 quilómetros da lonxitude do Nilo.
A John Fitzgerald Kennedy matárono ás 12.30 horas
do 22 de novembro de 1963.
Así lle paraba os pés a algún bocalán
xogando ao dominó.

A HORA DE IR PARA AS MALVAS

Não, eu não queria morrer.
É verdade o que diz a lápide.
Eu não queria morrer.
Nunca me interessou essa experiência do Além,
nem sequer as macieiras de Avalon.
Antes uma excursão a Valença do Minho,
ida e volta no mesmo dia,
com um conjunto de facas como presente.
Eu era feliz a ouvir o assobio imortal do amolador.
E era feliz a abrir a caixa do correio
todas as manhãs.
Ninguém manda cartas,
mas há sempre qualquer coisa.
Essa alegria da publicidade barata.
O Lidl anuncia uma fita métrica
com telémetro a laser.
Como eu era feliz sabendo as medidas de rios e montanhas.
Muito que isso me ajudou a vender enciclopédias.
Quanto mede o equador da Terra?
Os pais olhavam para o filho e naquele espanto familiar
de não saber
eu percebia a esperança.
Eu era feliz com os 40.075 quilómetros do perímetro terrestre,
os 8.849 metros de altitude do Evereste
e os 6.650 quilómetros de comprimento do Nilo.
John Fitzgerald Kennedy foi morto às 12.30 horas
de 22 de Novembro de 1963.
Era assim que punha freio a algum fanfarrão
a jogar dominó.

Eu era feliz xogando ao dominó no café da Barra.
Como Sun Tzu,
mantíñame impenetrábel e escuro,
mais cando movía ficha,
caía como un lóstrego.
Eu era feliz vendo o lostregar na noite
arredor do faro.
E era moi feliz mirando o mar
na rompente do Orzán.
O mar dá de todo.
Mesmo dá que pensar.
Eu, como o mar,
non quería morrer.

Eu era feliz a jogar dominó no café da Barra.
Como Sun Tzu,
mantinha-me impenetrável e obscuro,
mas quando movia uma peça
ela caía como um raio.
Eu era feliz a ver o relampejar na noite
à volta do farol.
E era muito feliz a ver o mar
na rebentação do Orzán.
O mar dá de tudo.
Até dá que pensar.
Eu, como o mar,
não queria morrer.

Maria do Rosário Pedreira

POEMA DE

o meu corpo humano, Quetzal, Lisboa, 2022.

SEIOS

Mãe, oxalá eu nunca tivesse largado a tua mão:
com o menino ao colo, fez-se a estrada maior do
que o meu desespero, amarrotou-se de velho meu
coração tão claro. Eu tinha catorze anos antes

do estrondo, catorze anos e meio antes do teu
grito, quinze anos cumpridos quando afastei o
véu dos teus cabelos: se me dizias sempre que não
fosse para longe, porque pediam o contrário os
teus olhos parados? Ainda por cima, mãe, chegar

ao campo foi como bater a uma porta cansada –
mil tendas que eram velas remendadas, barcos para
ficar de novo pelo caminho. Trouxeram-nos mantas
cheias de perguntas; tentaram-me com doces
para me pôr no lugar; mudaram ao meu irmão
a fralda com as mãos frias. Mãe, eu disse-lhes que

o menino era meu; e agora, quando ele procura os
teus seios no meu corpo sem formas, cubro com
o teu véu os meus cabelos e canto-lhe baixinho
canções de açúcar. Não sei que idade tenho, mãe,
mas oxalá eu nunca tivesse largado a tua mão.

Miguel Cardoso

POEMA DE

Passageiros (inédito em português)

Stippvisiten, *Elfenbein Verlag*, Berlim, 2021, tradução de Odile Kennel.

16.10.2019

Relembro os princípios e as partes que ficaram
pelo caminho sortes dias claros que cobri de sal

Posto isto, preparo o café,
percorro a casa, além disso
a terra com os próprios olhos

Era uma câmara de ar
Era o meio de Outubro

quando as vidas
se despem frente a um espelho alto
com livros e roupa numa pilha lá atrás
ajeitam-se ao inverno
improvisam o repouso numa só ponta do pé
e se voltam por cima
do ombro para o relento

*

Que dia é hoje

Tatiana Faia

INÉDITO

A PRIMEIRA COR DO DIA

a partir de Cy Twombly, *Night Watch* 1966

a atenção prestada à noite
é esta porta que bate como um ponto final
e se torna uma obsessão muito particular por uma cor
e agora é só essa cor que domina
toda a geografia
de uma parte de um dia

onde é difícil falar de como
as linhas brancas revelam o volume
acidental de corpos tão agudos
que são só arestas
a noite quase um lume nas linhas
primordiais que são quase sempre
a primeira evidência dos poemas
a possibilidade da expressão total de um corpo
quando encontra a tela certa

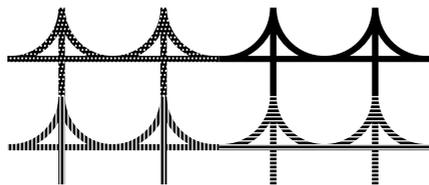
casou-se primeiro com uma mulher
chamada tatiana
disse-me alguém uma vez
e nunca pensei neste quadro em via dei librai
onde a primeira figuração da noite
seria a intolerável hora de uma esperança
a irresolúvel dimensão de alguém
tão vulnerável e despojado
nessas linhas brancas que em qualquer noite
são casas acidentais
bares onde te sentas para beber

umbrais que conheço
e se separam e se multiplicam até ao infinito
com as suas perguntas difíceis
as suas angustiadas inquietações
um sentimento que assenta como um cerco
com o seu peso
e com a beleza da sua cor absoluta

a clareza de uma escuridão
isto é
a clareza despojada e quase clássica da escuridão
é da ordem da primeira cor do dia
do mistério que a noite tem sempre
e é sempre irreproduzível

a primeira cor do dia é a noite
que ressurgue por acidente
na cor do café de manhã
interrogativa como as casas
diante das quais
permanecemos por demasiado tempo
uma forma de segredo suspenso
de como atravessamos todo o tempo
e numa errada tentativa
suportamos de olhos abertos
uma duração letárgica e triste
para chegar à paixão
de apenas duas cores essenciais
e exactamente o contrário uma da outra

Palermo, Roma, Oxford
Março de 2022



NOTAS BIOGRÁFICAS

ANA MARTINS MARQUES

Nasceu em Belo Horizonte, Brasil, em 1977. É formada em Letras e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais. Publicou os livros de poemas *A vida submarina*, *Da arte das armadilhas*, *O livro das semelhanças*, *O livro dos jardins* e *Risque esta palavra*, entre outros. Recebeu vários prêmios, entre eles o Prémio Cidade de Belo Horizonte, o Prémio Literário da Fundação Biblioteca Nacional e o 3.º lugar do Prémio Oceanos (2016). Uma antologia de poemas seus foi publicada em Portugal pela editora Douda Correria, com o título *Linha de rebentação* (2019).

FELIPE BENÍTEZ REYES

Nasceu em Rota (Cádiz) em 1960. É poeta, romancista e autor de artigos de opinião. Ganhou o Prémio da Crítica de Poesia Castellhana, o Prémio Ateneo de Sevilla (romance), o Prémio internacional de Poesia da Fundação Loewe, o Prémio Hucha de Oro (conto), o Prémio Julio Camba (jornalismo), o Prémio Nadal (romance) e o Prémio Nacional de Poesia, entre outros. Os seus livros estão traduzidos para inglês, italiano, francês, romeno, português e russo. A sua poesia está reunida nos volumes *Trama de niebla* e *Libros de poemas*. Entre os romances, destacam-se *El novio del mundo*, *El pensamiento de los monstruos*, *Mercado de espejismos* e *El azar y viceversa*. Os contos estão compilados no livro *Oficios estelares*. Em português publicou *Privilégio de Penumbra*, com tradução de Vasco Gato (Abysmo, 2018).

HIRONDINA JOSHUA

Nasceu em Maputo, Moçambique, em 1987. É poeta, escritora, membro da Associação dos Escritores Moçambicanos. É redatora da

revista *InComunidade* (Portugal) e curadora do projeto literário no Mbenga Artes & Reflexões. Publicou os livros de poesia *Os Ângulos da Casa* (Fundação Fernando Leite Couto, 2016), *A Estranheza Fora da Página* (co-autoria Ana Mafalda Leite, Húmus, 2021) e *Córtex* (Exclamação, 2021) com prefácio Joana Bértholo. Publicou também *Um Levita À Sombra dos Altares* (Húmus, 2021), conto. Integra a antologia digital *Português, Lugar de Escrita — Mulheres na poesia* (2021), uma edição da Embaixada de Itália em Lisboa e da Casa Fernando Pessoa, no âmbito do Dia da Língua Portuguesa e da Cultura na CPLP.

JOÃO PAULO ESTEVES DA SILVA

Músico, poeta, tradutor, nasceu em Lisboa, em 1961. Gravou e publicou dezenas de discos em várias editoras. Publicou também nove livros de poemas, a maior parte deles na editora Douda Correria, de que se podem destacar os mais recentes *O coração do Adão* (2019), *Missangas* (2020), e ainda *Prelúdios* (em colaboração com Manuel de Freitas, Alambique, 2020). Tem colaborado regularmente em revistas e antologias. Traduziu para teatro Beckett, Ibsen, Strindberg, Pasolini, Stoppard, Rostand, Albee, Molière, Shakespeare, Dumas, Leroux, entre outros. Para a Douda Correria traduziu poetas como Mordechai Geldman, Chus Pato, Bernard O'Donoghue, Alejandra Pizarnik e a bíblia hebraica. A sua poesia está vertida em hebraico e publicada em Israel pela editora Keshev.

MANUEL RIVAS

Nascido na Corunha, Galiza, escreve originalmente na língua galega. Começou a trabalhar no jornal *Ideal Gallego* aos 15 anos. Entre as suas obras de poesia encontram-se *O pobo da noite* (1997), *A desaparición da neve* (2009), *A boca da terra* (2016) e o recente *O que fica fóra* (2021), prémio Follas Novas em maio de 2022. Recebeu em cinco ocasiões o prémio da Crítica galega e espanhola. Foi prémio Nacional de Narrativa pela obra *Que me queres, amor?*. As suas duas últimas obras são de ensaio crítico: *Contra Todo Isto* e *Zona a defender*.

É codiretor da revista mensal de reportagens e cultura alternativa *Luzes*, editada na Galiza e em galego. A sua prosa está publicada em português, nas editoras Dom Quixote e Faktoria K de Livros.

MARIA DO ROSÁRIO PEDREIRA

Nasceu em Lisboa, em 1959. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas. Depois de uma breve passagem pelo ensino, ingressou na carreira editorial, sendo hoje editora de literatura portuguesa. Escreveu vários livros juvenis, um romance e contos, mas é sobretudo conhecida como poeta, tendo publicado cinco livros, os quatro primeiros coligidos num volume com o título *Poesia Reunida* (2012), distinguido com o Prémio Fundação Inês de Castro. Está traduzida em várias línguas e publicada em volumes independentes, revistas e antologias em diversos países. Tem participado em numerosos encontros de escritores em Portugal e no estrangeiro. É ainda autora de letras para fado e canções. Tem um blogue sobre livros, *Horas Extraordinárias*, e escreve regularmente crónicas para a imprensa.

MIGUEL CARDOSO

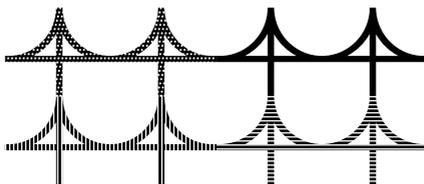
Vive em Lisboa, onde nasceu, em 1976. Completou um MA em English Studies em Birkbeck College, University of London. Leciona na Universidade Lusófona, no DocNomads, Mestrado Erasmus Mundus em Cinema Documental. A par de textos dispersos em periódicos e antologias, publicou sete livros de poesia, entre eles *À barbárie seguem-se os estendais* (&etc, 2015), *Viveres* (Tinta-da-china, 2016) e *Mais de mil anos* (Douda Correria, 2017). Uma versão breve do livro *Passageiros* (ainda por editar em português) foi publicada, com tradução de Odile Kennel, na antologia *Stippvisiten* (Elfenbein Verlag, 2021). Traduziu recentemente textos de Miyó Vestrini (Barco Bêbedo), Anne Boyer (Tinta-da-china) e Sean Bonney (Douda Correria).

TATIANA FAIA

Nasceu em 1986. É autora de quatro livros de poemas: *Lugano* (Artefacto, 2011), *teatro de rua* (do lado esquerdo, 2013), *Um quarto em Atenas* (Tinta-da-china, 2018) e *Leopardo e Abstracção* (Fresca, 2020), e de um livro de contos, *São Luís dos Portugueses em Chamas* (Enfermaria 6, 2016). Em 2019, o Prémio Pen de Poesia foi atribuído a *Um Quarto em Atenas*. É uma das responsáveis, com João Coles, José Pedro Moreira e Victor Gonçalves, do projeto editorial independente *Enfermaria 6*. É doutorada em Literatura Grega Antiga com uma tese sobre a *Ilíada* de Homero. Traduziu para português Homero e Anne Carson. Vive e trabalha em Oxford.

VASCO GATO (TRADUÇÃO)

Nasceu em Lisboa, em 1978. Publicou em 2000 o primeiro de treze livros de poesia, intitulado *Um Mover de Mão* (Assírio & Alvim). Em 2016, a Imprensa Nacional-Casa da Moeda lançou a reunião da sua obra poética com o título *Contra Mim Falo*. Publicou ainda *Daqui Ninguém Entra* (Companhia das Ilhas), texto teatral estreado em 2016 no Teatro da Comuna. Em 2020, sairia o seu primeiro romance, *Adius* (Abysmo). Trabalha desde 2006 como tradutor literário, colaborando com as principais editoras portuguesas. Escolhe e traduz autores estrangeiros não editados em Portugal para o programa *Nada Será Como Dante* da RTP2.



LISBON REVISITED

D I A S D E P O E S I A

foi composto em caracteres Tiempos Text 9/14
e impresso na Parallel Rainbow,
em junho de 2022.

